

RECEBA O MILAGRE ACCEPTS EVERYTHING AS ONE’S OWN

"Não existe vítima inocente" é uma frase que escuto há anos associada ao *Curso*. O que será que sempre me chocou tanto nessa frase? E agora, nesse momento... como ela ainda me parece?

O que fizeram comigo? Por onde sangra? Há uma ferida? Como pode haver *algo* luminoso nisso? Como transformar esse sangue num fantasma? E como eu transformo esse fantasma numa cortina? Como essa frase deveria me parecer como uma espécie de liberação lógica? Como a dor, que parece determinar aquele que a sofreu, deixa de ter a última **palavra** sobre o que ela significa?

E o que significa **vítima** e, portanto, o que significa **algoz**? E o que significa existir **um inocente**? Não existe vítima inocente... porque só existe Inocência? Inocente. *Innocentis* – *in-* + *nocens* – aquele que não causa dano ou aquele que não prejudica. Aquele Que não **causou** o mal. Aquele Que devolveu à Causa a função da causalidade.

Como se reconhecer Inocente? Ou se reconhecer como Aquele Que? A resposta... *Não saia. Desça. Entre mais profundamente. Desça até o último degrau. A escada desaparecerá.*

O círculo do medo está exatamente abaixo do nível que o corpo vê e parece ser todo o fundamento no qual o mundo se baseia. Aqui estão todas as ilusões, todos os pensamentos distorcidos, todos os ataques insanos, a fúria, a vingança e a traição que foram feitos para manter a culpa no lugar da forma que o mundo pudesse surgir dela e mantê-la oculta. Sua sombra ergue-se à superfície, apenas o suficiente para manter as suas manifestações mais externas na escuridão e para trazer desespero e solidão a ele, mantendo-o sem alegria. Entretanto, sua intensidade é velada por suas pesadas cobertas e mantidas à parte do que foi feito para mantê-la oculta. O corpo não pode ver isso, pois o corpo surgiu disso para protegê-la, e essa proteção depende de mantê-la sem ser vista. Os olhos do corpo nunca olharão para ela. No entanto, verão o que ela dita. (T-18.IX.4)

Como um vagalume, ou outros tipos de organismos bioluminescentes, brilharemos justamente nos lugares mais profundos e escuros. Sim. É exatamente quando a escada desaparece que o animal luminoso começa a brilhar. Há uma ferida. Desça as escadas. Desça até o último degrau. Entre no círculo do medo que se apresenta exatamente abaixo do nível que o corpo vê. Desça e atravesse a escuridão. Permita que o Seu Guia lhe ensine sobre a Sua Natureza à medida que Ele lhe conduz. E lá... bem lá embaixo... responda a Ele... Quem é você? Qual é o Seu Nome?



EXERCÍCIO 04.10.26

Quem se manteria inconsciente do que pensa que o cerca? Aquele que deseja “sair”. Como então a culpa se encontraria com o Perdão? Se “saímos” encontraremos o lado de fora. Não o lado de dentro.

Aqui, tu és perdoado, pois perdoaste todas as pessoas. Aqui está a nova percepção, onde tudo é brilhante e resplandece com inocência, lavada nas águas do perdão e limpo de qualquer pensamento mau que tenhas colocado nele. (T-18.IX. 9:4)

Desça. Desça até o último degrau. Pise. Basta. Já é o suficiente. Pise em terra santa.

E se o caminho parecer estreito ou labiríntico... perceba isso como um **recurso** nesse antigo “deserto”... o subterrâneo... onde o soterrado ficou protegido ou até indestrutível. Reúna tudo o que encontrar pelo caminho, como se recolhesse aquilo que um dia acreditou serem pedaços de si mesma. Recuperar e reunir por meio dessa descida em si não é restaurar aquilo que parece estar debilitado, mas reconhecer o que nunca deixou de ser inteiro. É ali, onde as coisas parecem ser e não ser, que o soterrado pode ressurgir. A escada desaparece e tudo flutuará no Silêncio.

UM POEMA

Escrevi este poema há dois anos. E, enquanto praticava o exercício sugerido nesta edição, voltei a encontrá-lo. Apenas por hoje, decidi nomeá-lo assim, em homenagem a Tony A. Moffeit (1942–2026).

OUTLAW POETRY

Ele, com um pedaço de madeira torcida,
riscou a areia.

Como caranguejos,
descemos num sulco estreito,
seguindo por um caminho curvo,
estreito o suficiente para ora vê-Lo à frente,
ora ser vista por Ele.

Duas bolhas se erguiam ao redor,
infinitas em altura e profundidade,
repletas de objetos simples...
flutuando em silêncio,
adormecidos na eternidade.

O que eram aqueles objetos?
De quem eram aquelas memórias?
Quando olhos fechados e olhos abertos se uniram,
compreendi um pouco mais:
eu andara numa mente já curada,
num espaço onde meus exercícios já eram conclusão.

Ele, como Mestre Exemplar,
não mostrou o caminho a ser feito,
mas a Paz que nos espera
quando a caminhada se lembrar de terminar.



UM PENSAMENTO PARA A SEMANA

Como transformar a dor em ritmo e o sofrimento em *blues*? Olhe para o olhar... o que estou vendo, como estou vendo e para que estou vendo dessa maneira. Quem mais desejaria se manter inconsciente do que pensa que o cerca?

